

ELEMENTOS RESIDUAIS DA ALMA BARROCA LUSO-BRASILEIRA EM UMA CIDADE DA MINAS COLONIAL: A IGREJA CATÓLICA EM SÃO JOÃO DEL-REI / MINAS GERAIS / BRASIL

Suely CAMPOS FRANCO

"Não existe uma única sociedade cuja história tenha naufragado completamente".

(F. Braudel)

Introdução

A análise de uma cultura se dá também a partir da análise de sua religiosidade. Focalizar a religiosidade de uma cidade mineira remanescente do período colonial no Brasil é desvendar sua história, reconstituir aspectos essenciais de sua existência, de seu universo simbólico, de sua cultura. Abordaremos as festividades religiosas do catolicismo ainda vivas em São João del-Rei. Acreditamos na urgência da investigação deste tema na medida em que a modernização da sociedade pode acarretar em desaparecimento ou em modificações substanciais, como aquelas ocorridas em outras cidades também oriundas do período colonial mineiro e onde estas práticas eram de grande importância sócio-cultural.

O que importa aqui não é uma simples descrição de momentos rituais, mas a constatação de sua manutenção ao longo de mais de duzentos anos. O que nos interessa em primeira mão é apresentar elementos da cultura portuguesa setecentista transplantada. Enfocar a presença, em Minas Gerais, da Igreja Católica aliada ao Estado Absolutista Português enquanto instrumento de expansão metropolitana no período colonial e esta mesma Igreja e seus desdobramentos - como as Ordens religiosas leigas - enquanto herança cultural lusitana. Segundo o historiador Caio Cesar Boschi, importante é captar o sentido e as formas da ação da Igreja no período colonial, para uma compreensão do real sentido das festas religiosas (BOSCHI, 1986).

As permanências ou sobrevivências no campo cultural encontram explicações nas formulações teóricas do historiador francês Fernand Braudel.

Braudel defende a história como um aspecto da realidade social. Segundo ele, a "história tradicional" esteve por muito tempo presa a noção de tempo breve, o que quer dizer ligada aos acontecimentos, aos pequenos ou grandes fatos finitos e delimitados. A partir do século XIX inicia-se uma alteração do tempo histórico tradicional. O tempo de história ganha uma nova concepção social e se revela, segundo Braudel, "muito superior à sua própria duração" (Braudel,1990;10). A *nova* historiografia passou a focalizar as permanências e as regularidades de sistemas culturais, os "traços comuns que permaneceram imutáveis apesar de evidentes transformações e rupturas" (Braudel, 1990,p.20). A atenção não se volta somente para o que sobressai, o que se manifesta de modo imediato, mas para as atividades de "longa duração" , aquelas que "atravessam as sociedades (...) e os psiquismos" (Braudel, 1982,p.19).O tempo-social passa a ser visto em sua pluralidade e a duração social apresenta-se com seus tempos múltiplos e contraditórios, não só como substância do passado, mas como matéria da vida social atual. O que o autor define como *enquadramentos mentais* como *prisões de longa duração*, são os sistemas culturais prolongados, promovendo uma nova relação da história com o tempo. As civilizações, enquanto realidades de longa duração, de *inesgotável duração* sobrevivem e se relacionam, esclarecendo-se mutuamente. E cada realidade social apresenta a sua escala de tempo, o seu relacionamento com o passado, a sua temporalidade específica. A *nouvelle histoire*, sob a influência das Ciências Sociais, deixa de ver o tempo histórico como uma sucessão de eventos e passa a incentivar o cíclico, o repetitivo, " o mundo mais resistente

à mudança" (Reis, 1994, pág. 27)

Com base nestas formulações, apresentamos nossa reflexão (ou constatação) de um tempo social de movimento longo, onde o passado e o presente esclarecem-se com uma luz recíproca. Apresentamos uma relação estreita e constante entre realidades e tempos sociais diferentes. A "longa duração" se confirma nestas manifestações culturais em São João Del-Rei. A obra colonial portuguesa aqui instalada plantou raízes e sobrevive como marco resistente, apesar do tempo.

II

Obra Colonial Portuguesa Em Minas Gerais

2.1- Igrejas, Irmandades e valores metropolitanos.

Nos primórdios do século XVIII, em consequência do descobrimento e exploração das riquezas minerais, surgem os primeiros povoados urbanos na Capitania de Minas Gerais. Neste momento ocorre em Minas a implantação de um processo civilizador e a transplantação de uma nova cultura. Não houve, pois uma política de planejamento dirigida e orientada pelo Estado. Para as Minas se deslocaram toda a sorte de gente, somados ao grande número de escravos empregados na exploração aurífera e diamantífera.

Tão logo se deu a ocupação territorial e formação de núcleos urbanos, a Coroa atenta ao seus interesses mercantilistas, passou a uma política fiscal, tributando ao máximo a nova população, “percebendo a potencialidade econômica da região e o latente espírito de insubmissão dos adventícios, a Metrópole logo instalou seu aparelho burocrático e repressivo, com o duplo e recíproco intuito de tributar e vigiar” (Boschi, 1986, pág. 143).

Para a eficácia deste controle a Coroa contou com a adesão das elites locais, que em troca contavam com privilégios, cargos públicos e concessões.

A constituição formal de vilas passou, a partir de então, a constituir propósito de controle da população. Neste momento a sociedade colonial mineira já se apresenta fracionada, ou seja, em rápido processo de estratificação social.

Segundo Caio César Boschi,

A ação do Estado coincidia cronologicamente com o início do processo de

estratificação social, ou melhor, quando era mais acentuada a heterogeneidade social. Ao Estado interessava sobre maneira que essa estruturação se fizesse de acordo com os critérios estamentais e com base em parâmetros metropolitanos. (Boschi, 1986, p. 144)

Paralelamente ao controle fiscal a Coroa passou a estabelecer o controle da religiosidade local. No Brasil-Colônia, a Igreja esteve sempre ligada aos interesses da Coroa. “A Coroa era quem estabelecia as diretrizes da ação da Igreja, transformando a evangelização num assunto de estado, isto é, a utilização da Igreja como instrumento da conquista” (Boschi, 1986, p. 61).

É importante aqui lembrar que nos elementos básicos da ação da Igreja na Capitania de Minas Gerais está o Padroado Real - o clero secular da Colônia totalmente subordinado à Coroa - e a tributação eclesiástica - tributo pecuniário cobrado aos paroquianos, “transformando as coisas espirituais em um lucrativo comércio” (Boschi, 1986, p. 72).

No estudo da relação Igreja-Estado no período colonial e, mais especificamente, da religiosidade em Minas Gerais e suas formas de manifestação, é imprescindível explicitar a presença das Associações Religiosas leigas que aqui se estabeleceram e atuaram de forma peculiar. A abordagem do significado das Irmandades é extremamente necessário para a compreensão das festividades religiosas, promovidas por estas associações e preservadas desde o século XVIII.

As associações religiosas leigas - Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras - surgiram na sociedade setecentista mineira, desempenhando importante papel social como centro de reuniões da população para satisfazer suas naturais "tendências gregária e lúdicas".(Sales, 1963, p.27) A autonomia dessas associações frente a construção de templos, a celebração dos ofícios religiosos - muitas vezes eram celebradas festas e ofícios sem assistência do pároco - motivou a Coroa a implantação de ma política religiosa na região de Minas Gerais. A alteração da dimensão política da Coroa se concretiza na instalação do aparelho religioso, ou seja a criação de uma jurisdição eclesiástica sobre a região Mineiradora, passando exercer desta forma, maior vigilância. O Episcopado e o clero coloniais atuavam com a função política de sacralização da ação política na metrópole.

A presença da Igreja nas Minas Gerais está vinculada aos desígnios da política metropolitana, porém como pontua Boschi “seria incorrer em radicalismo afirmar que, pelo menos, parte (mínima que fosse) daqueles religiosos não tivesse propósito evangelizadores nas suas incursões ou nas suas tentativas de fixação nas terras mineiras” (Boschi, 1986, p. 79).

Segundo Caio César Boschi, as irmandades em Minas Gerais precederam ao Estado e à própria Igreja, enquanto instituição na medida em que foram elas responsáveis pela edificação das primeiras capelas, templos religiosos, embrionários dos primeiros povoados.

Além disso, extrapolaram as funções espirituais tornando-se responsáveis diretas pela nova ordem que se instalava.

2.2- Festividades religiosas na Minas Colonial : ascendência íbero-barroca

Com os colonizadores chegaram traços da fisionomia espiritual e moral do povo português. (Sônia Siqueira, 1978: 17)

A colonização portuguesa nas Minas Gerais se deu à luz de certas concepções que a inspiraram. O mundo do catolicismo ibérico ortodoxo foi transplantado, trazendo impresso, formas culturais da sociedade barroca em que se formou. Alicerçado na crença, no mundo cristão, o catolicismo luso-brasileiro representou ainda a metaforização de um discurso de poder. A união Estado-Igreja nos países ibéricos foi implantada nas colônias traduzindo unidade religiosa em unidade política.

Assim como na Península Ibérica, a religiosidade mineira se expressava pelo culto aos santos e pelos atos externos, como procissões e ritualismos. O Catolicismo, segundo Caio César Boschi, era menos uma convicção que uma conveniência, estando "menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e a pompa exterior (Boschi, 1986, p. 58). As festas e comemorações públicas enquanto paradigmas da cultura católica européia, reafirmavam os tradicionais conceitos de hierarquia e de ordem. Através da exibição de requinte e do fausto, tão ao gosto da época e oportuno diante da opulência da Capitania das Minas Gerais, o ritualismo festivo exercia um poder mágico sobre a população e servia, segundo Afonso Ávila como instrumento encantatório persuasivo .

A recorrência à linguagem teatral e espetacular do barroco encontra-se manifestada na

prática desta "religiosidade epidérmica", exteriorista e lúdica. O ritualismo festivo, um "misto ostentoso de ritual católico, comprazimento intelectual e divertimento coletivo" (Ávila, 1986, p. 75), com sua visualidade rica e variada traduzia o espírito subjacente à mentalidade barroca. A instância lúdica do barroco permitia segundo Adalgisa Campos, a "convivência de manifestações profanas no interior de um evento cuja finalidade era religiosa" (Campos, 1990, p. 263). O primado do visual na cultura barroca, como demonstra Germain Bazin, fez infiltrar nas manifestações religiosas de culto externo a exacerbação da experiência estética e do teatro.

Como demonstra Afonso Ávila em suas investigações sobre ideologia e estrutura das festividades religiosas na Minas Colonial, "foi na Capitania das Minas Gerais que o projeto social da festa de ascendência ibero-barroca se desenvolveu no século XVIII brasileiro, com recursos e em condições favoráveis" (Ávila, 1990, p. 75).

O modelo festivo do mundo ibero instalou-se na emergente sociedade urbana, com a pompa e a linguagem espetacular do barroco que à luz dos setecentos não era só aparência suntuosa, mas uma forma exagerada, excêntrica e contrastante de estar no mundo.

III

São João del-Rei : Persistência das formas mentais coloniais transplantadas

As perplexidades do mundo barroco não são tão dessemelhantes das do mundo contemporâneo. Os paradoxos lá existentes continuam fundamentalmente os mesmos dos dias de hoje (Joel Neves, 1986, p. 73).

A partir da elevação do Arraial Novo do Rio das Mortes ou de Nossa Senhora do Pilar à categoria de Villa de São João Del-Rei em 1713 " em memória do nome El-Rei Nosso Senhor, por ser a primeira vila que nestas vilas ele, governador, levanta" a região da Comarca do Rio das Mortes, cresce em importância, em Minas Gerais, ganhando até metade do século XVIII, várias edificações religiosas de vulto. Nesta época surgiram as igrejas do Rosário (1719), Pilar (1921), Carmo (1734), Mercês (1751), São Francisco (1749) e São Gonçalo Garcia (1789). As classes sociais já se encontrando definidas, agrupadas de acordo com o poder adquirido, reuniram-se nas corporações religiosas, encontrando nelas o seu veículo social adequado.

A absorção do catolicismo - religião das classes dirigentes, e do Estado - levou toda

população a ter na cerimônias do culto sua ocupação predileta. As grandes festividades, que se multiplicavam a cada ano, passaram a representar o foco cultural da sociedade e um instrumento transformador de valores individuais em sociais. Sob o primado da religiosidade assistiu-se a proliferação e ascendência das Irmandades, que nesta cidade, bem como em outras do período colonial, estiveram comprometidas em promover e manter a devoção do orago e a política religiosa metropolitana. O sentimento religioso se expressaria na magnificência das cerimônias religiosas. Em São João Del-Rei as associações religiosas perduraram, cumprindo a mesma função de mantenedoras ativas das promoções das festas e rituais religiosos, que além de expressar uma religiosidade popular, reforça a hegemonia social da Igreja, o poder político de seus organizadores e a explosão do espírito lúdico oriundo da sociedade mineiradora.

O barroco, mais que um estilo arquitetônico e artístico, foi e é uma maneira de ser nesta cidade remanescente dos setecentos. São João del-Rei além de ser importante centro de referência na arte sacra brasileira, é conhecida por seu gosto pela representação presente nas festa religiosas. O requinte com que são elaboradas tem o teatro e a música como elemento de destaque. O aparato teatral, sempre presente na realização das procissões nos revelam sua essência barroca. O espírito lúdico, o gosto pela representação de cunho dramático envolvem a ritualística das festas religiosas em São João del-Rei persistindo num modelo festivo tipicamente barroco.

Se considerarmos a arte barroca como uma tendência do espírito humano, conforme nos ensina o filósofo e historiador de arte Eugene D'ors, observando suas características, sem entretanto determiná-lo cronologicamente, poderemos encontrar num mundo contemporâneo atitudes e traduções do espírito barroco. O que são as representações atuais da Procissão do Enterro, que ocorre na Sexta-feira da Semana Santa senão a essência da mentalidade barroca resistindo ao quadro cronológico? Estamos de acordo com o filósofo Joel Neves afirmando que “como estilo de vida, como psicologia profunda do brasileiro, ou como arte, o barroco estruturou uma singularidade mental e sócio-cultural muito própria entre nós” (Neves, 1986, p.17).

Na Minas Colonial, praticamente quase toda a produção artístico-cultural esteve

ligada à Igreja. São João Del-Rei, emergente sociedade urbana no período colonial, procurava reproduzir a vida cultural reinol e para isso as associações religiosas contratavam os melhores artistas (escultores, arquitetos, pintores, entalhadores para edificações dos templos). Para a realização das festas religiosas contavam com músicos que executavam missas, novenas, matinas, motetos, e outras peças compostas especialmente para aquela ocasião. Hoje existem duas orquestras bicentenárias executando os serviços musicais para as solenidades religiosas internas e externas. A festa religiosa ocupa espaço social de destaque e a riqueza e o aparato de sua realização é retrato vivo das aportações culturais trazidas pelo colonizador, aceitas e mantidas por esta sociedade contemporânea.

Estas considerações nos levam a compreender tais eventos culturais enquanto expressão de concepção de mundo da sociedade que a sustenta.

IV

Conclusão

São João Del-Rei, talvez pela sua conservadora tradição religiosa está mais perto do céu.. Jornal (A TRIBUNA, São João del-Rei, 1914)

Nesta afirmação, em um jornal de 1914, talvez esteja um dos argumentos para explicar a preservação dos rituais religiosos remanescentes do século XVIII nesta cidade. A presença da Igreja Católica e das Irmandades e sua grande influência e expressividade na sociedade setecentista influíram na forma de vida da população de São João del-Rei. As diversas cerimônias religiosas continuam sendo uma ocupação das mais concorridas na sociedade atual, e nelas podem estar simbolizados além do sentimento religioso expresso - em Minas Gerais de forma muito peculiar - também os sentimentos individuais coletivizados. Da mesma forma como na fase colonial em Minas, as festividades religiosas atuam de forma sedutora no espírito da população.

Procurar semelhanças e diferenças, descobrir regularidades culturais entre a sociedade colonial mineira e a sociedade mineira contemporânea nos permite apreender a existência (e a persistência) de certos valores culturais. O significado da manutenção das

festividades religiosas na forma como foram concebidas há dois séculos, refletindo o modelo baseado no período colonial, é bem maior que o simples *apego a tradição e orgulho em conservar as relíquias do passado* como garantem os moradores de São João del-Rei e membros das associações religiosas. A eficácia e os significados que justificam as realizações da festa atribuem a esta sociedade sua identidade cultural e estão simbolizados no rito. A idéia de tradição garante a existência e os modos de sua realização, que apesar de algumas variações, mantêm a mesma estrutura, os mesmos simbolismos, o mesmo aparato teatral, o mesmo sentimento religioso, logo o mesmo significado simbólico, “effectuados com toda pompa e solemmidade de costume.” (Jornal O CORREIO, São João del-Rei, 1941)

A tradição é determinante dos modos de realização estabelecidos num *mundo barroco*. Como pontua um jornal local de 1915: “As tradições religiosas são para todo sanjoanense as mais caras e as mais preciosas... Aqui a tradição viceja ao lado do progresso (...). É pela tradição que se aprende o que de humano e de espiritual existe no envolver da civilização...” (Jornal AÇÃO SOCIAL, São João del-Rei, 1915)

O nosso intento no estudo das festividades religiosas foi demonstrar momentos barrocos dentro de uma sociedade contemporânea. A morte e a vida são representados barrocamente de forma pomposa e lúdica. A natureza simbólica do homem leva-o a manutenção da filosofia e ideologia barroca, da representação alegórica de sua mentalidade.

Nossa investigação prossegue seguindo o fio condutor que nos oferece a "*nouvelle histoire*" e a antropologia: o tempo histórico não é abstrato e retilíneo, mas plural. Existe uma relação estreita e constante entre realidades e o homem não é só sujeito, mas também resultado, objeto.

V

Referências Bibliográficas

ARIES, P.- Les Temps de L'histoire. Paris, 4^a. ed. Senil, 1986 .

ÁVILA, Afonso - Festa Barroca : Ideologia e Estrutura. Revista Barroco, número 14, Belo Horizonte:p.71-90.

- _____ O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco. 2ªed, São Paulo: Ed. Perspectiva. 1980. Coleção Debates, 35.
- _____ Resíduos seiscentistas em Minas, 2 vols. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967.
- AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira. Rio de Janeiro / Brasília: Editora UFRJ / Editora UNB, 1996, Sexta edição.
- BOSCHI, Caio C. - Os Leigos e o Poder (Irmandades leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais). São Paulo: Editora Ática, 1986. (Ensaio número 116).
- BRAUDEL, Fernand - História e Ciências sociais. 6ª. ed. Lisboa : Presença, 1990.
- CAMPOS, Adalgisa A. - Triunfo Eucarístico : Hierarquias e Universalidade . Revista Barroco número 15, Belo Horizonte: p.461-470, 1990.
- NEVES, Joel - Idéias Filosóficas do Barroco Mineiro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1986.
- PRIORI, Mary del. Festas e Utopias no Brasil Colonial. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994
- REIS, José Carlos - Nouvelle Histoire e Tempo Histórico (a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel). São Paulo: Editora Ática, 1994.
- RICOEUR, Paul - As culturas e o tempo. Petrópolis: Vozes, 1975.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza. Cultura no Brasil Colônia. Petrópolis: Vozes, 1981.
- SALLES, Fritz Teixeira Associações Religiosas do Ciclo do Ouro. Belo Horizonte: Imprensa Universitária (UFMG), 1963
- SIQUEIRA, Sônia A. - A Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial. São Paulo: Editora Ática, 1978. (Ensaio número 56).
- TEIXEIRA, Sérgio Alves. O Recado das Festas: representação e poder no Brasil. Rio de Janeiro: MINC/ FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1988
- THEIJE, Marjo de - Catolicismo local, associações de leigos e a Igreja Católica no Brasil. Utrecht: Universidade de Utrecht, 1990 (tese de doutoramento).
- VOVELLE, Michel - La Longue Durée. In: .Ideologie et Mentalités. Paris: Maspero, 1982.
- WEHLING, Arno - História administrativa do Brasil : a administração portuguesa no Brasil de Pombal a D. João (1777 a 1808)., Brasília: FUNCEP, 1986.
- PERIÓDICOS:
- AMBRÓSIO, Júlio - A Festa e a Missa. Jornal São João e Vertentes em Casa, São João del-

Rei , p.07, maio 1993,
COSTA, Pedro Canísio da - A Semana Santa em São João del- Rei. Minas de Emoções Gerais (Turminas), Belo Horizonte, 1992.
D'ANGELO, José Geraldo - A tradição do Ritual. São João Del-Rei. Jornal Semana Santa, São João del-Rei, , p. 06, 1994.
PERLONGHER, Néstor - A Barroquização. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, caderno B.p.10 e 11, 11 de março de 1988.
A TRIBUNA, São João del-Rei, 1914.
AÇÃO SOCIAL, São João del-Rei, 1915.
O CORREIO, São João del-Rei, 1941.

Resumo

Ao focar as festividades religiosas remanescentes do período colonial na cidade de São João del-Rei, objetivamos demonstrar a persistência de elementos culturais residuais da mentalidade barroca implantada em Minas Gerais pela metrópole portuguesa .

O gosto pela festa, pela pompa, pelo espetacular presente, ainda hoje, as festas religiosas em São João del-Rei, retrata a manutenção de traços do quadro cultural setecentista e reafirma a existência de sistemas culturais prolongados, segundo a teoria da "longa duração" do historiador francês Fernand Braudel.

Palavras chave: festividades – minas colonial – longa duração – mentalidade - barroco

Abstract

When we focus on the religious festivities remained from colonial time in the city of São João del-Rei, we want to demonstrate the persistence of residual cultural elements of baroque mentalities transmitted in Minas Gerais by Portuguese metropolis. The attraction for the festivities, the pomp and the spectacular still presents at religious festivities in São João show the persistence of cultural elements from eighteenth century and reaffirm the existence of cultural elements kept, according to the theory of long duration by the French historian Fernand Braudel.

Key words: festivities - colonial time - long duration – mentalities - baroque

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

PPRLB - artigos

RUA LUÍS DE CAMÕES N° 30

20051-020

RIO DE JANEIRO – RJ - BRASIL

SUELY CAMPOS FRANCO

RUA FELIPE MARCHETTI N° 40

36300-000 São João del-Rei – MG